



LETRAMENTO LITERÁRIO E ALFABETIZAÇÃO: UMA CONSTRUÇÃO POSSÍVEL

III Encontro Nacional de Letras no Litoral Norte da Paraíba - ELLIN-PB, 3ª edição, de 08/05/2024 a 10/05/2024
ISBN dos Anais: 978-65-5465-093-9

LIMA; Antônia Dvandy Pedrosa¹

RESUMO

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE: o autor enigmático do século

Antônia Dvandy Pedrosa de Lima

**Secretaria de Educação do Ceará-
SEDUC**

dvandypedrosa@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho tem o intuito de disseminar a poesia Drummondiana e o fazer literário do autor, destacando a sua contribuição para o cenário brasileiro do século XX, ressaltando a sua trajetória e composições que têm versos eternizados em expressões cotidianas. Permite ainda, conhecer Carlos Drummond de Andrade e o seu universo literário construído nesse caminhar que se inicia na sua inesquecível Itabira - MG e, passo a passo, vai delineando o seu “palmilhar” que não se delimita apenas as fronteiras do país, mas rompe as barreiras universais, revelando faces menos conhecidas do escritor, além de reforçar a versatilidade de um gênio genuinamente brasileiro. Nessa perspectiva de despertar o prazer literário a partir da poesia, utilizamos a metodologia da pesquisa-ação de Thiollent (2011), para que de forma participativa e colaborativa os discentes possam criar um mundo de possibilidades, ampliando o olhar na descoberta de algumas chaves de leitura para interagir com o autor e sua obra, apreciando a sua forma enigmática de escrita, a partir da leitura de suas poesias. O pressuposto teórico está pautado ainda nas obras de Barthes (2015), Cançado (1993), Cunha (2006), Merquior (2012), Moriconi (2001), Pinheiro (2018), Sant’anna (2008), Sorrenti (2009), Villaça (2012), que nos ajudaram a conhecer um pouco mais desse artista da palavra e o seu fazer poético.

Palavras-chave: Poesia brasileira. Carlos Drummond de Andrade. Leitura.

Introdução

Carlos Drummond de Andrade, considerado o maior poeta da literatura brasileira, autor de uma vasta fortuna crítica, nasceu em 1902, em Itabira do Mato Dentro - MG e faleceu em 1987, aos 85 anos, 12 dias após a morte de sua única filha, Maria Julieta. Funcionário público e redator de diversos jornais, essas funções cessaram a produção com a chegada da aposentadoria, porém da escrita não consegue desvencilhar-se, continua produzindo até o final da sua vida, deixando,

¹ Secretaria Estadual de Educação do Ceará - SEDUC, dvandylima@gmail.com

inclusive, várias obras que foram publicadas postumamente, pois desde muito cedo, o poeta demonstrava fascínio pela escrita e tudo o que a envolve, como afirma o próprio autor no filme *O fazendeiro do ar*, de Fernando Sabino e David Neves,

Confesso que desde criança, tive uma espécie de fascinação inconsciente pela palavra, pela forma visual da palavra; eu gostava muito das letras antes de saber ler e, quando comecei a ler, eu gostava muito de jornais, de revistas; lia aquilo tudo mesmo não compreendendo senão uma parte mínima, mas o aspecto visual das palavras, a forma escrita, o papel com desenho, com riscos, com letras, me causava uma impressão muito forte, de modo que eu acho que tudo que eu fiz em matéria de literatura vem desse primeiro contato com a palavra impressa. (1972)

Esse gosto e prazer do autor ao revelar o seu encanto e deslumbre diante da palavra escrita nos remete a conhecer um pouco mais desse artista da palavra que foi se construindo ao longo de décadas de escrita e reescrita, pois, de fato, para Drummond a poesia deve ser feita com palavras pensadas, escolhidas e, nessa construção ele dedicava-se com afinco na perspectiva de transpor para o papel os seus sentimentos, as suas vivências, as suas leituras, o seu fazer poético.

Para Ricoeur (1994), o artesão de palavras não produz coisas, mas somente quase-coisas, inventa o como-se. Nesse sentido, o termo aristotélico mimese é o emblema dessa desconexão, tendo em vista que para o uso de um vocabulário que é hoje o novo, instaura a literariedade da obra literária. (p.76). A escolha das palavras a serem usadas no poema são reveladoras do nível de linguagem que o poeta quer imprimir à sua obra, culta ou coloquial. “Porque um poema se faz com palavras, e não com ideias soltas no ar. É preciso colocá-las no papel com a cola mágica do ato de escrever” (SORRENTI, 2009, p.37).

Cola que o poeta Drummond utilizava e abusava nos seus poemas, expressando toda a poesia que muitas vezes impregna os nossos ouvidos como: “E agora, José?”; “Eta vida besta meu Deus”; “Mas as coisas findas, muito mais que lindas, essas ficarão.” e muitos outros versos, que vez ou outra, nos vemos utilizando nas mais diversas situações comunicativas.

Conhecer o poeta e o seu acervo literário construído nesse caminhar que se inicia na sua inesquecível Itabira, que anos mais tarde, é “apenas uma fotografia na parede. Mas como dói!” (CDA, Sentimento do mundo, 1940 - NR, 2014, v.1, p.84) e, passo a passo, vai delineando o seu “palmilhar” que não se delimita apenas as fronteiras brasileiras, mas rompe as barreiras universais.

Drummond, poeta modernista e um dos maiores do século XX, tendo em vista que na Coletânea da Editora Objetiva, intitulada *Os cem melhores poemas do século*, nove destes são do autor Itabirano, contemplado nas quatro partes que compõem esta seleção organizada por Ítalo Moriconi (2001). Na primeira parte, Abaixo os puristas, estão: Poema de sete faces; Coração numeroso; No meio do caminho. Nesta parte apresenta poemas das primeiras décadas, com ênfase na “produção dos grandes mestres do primeiro momento modernista” (2001, p. 19-20). Na segunda parte, Educação sentimental, encontramos: Confidência do itabirano; José. Já na terceira parte, O Cânone brasileiro, foram contempladas: A mesa; A máquina do mundo; Evocação mariana. Segundo o organizador desta antologia, nestas duas seções “encontra-se a prova mais viva de que a poesia brasileira em seus momentos mais fortes nada fica a dever a outras grandes poesias do século na mesma época.” (p. 21) E, na quarta parte, intitulada Fragmentos de um discurso vertiginoso, está: A bunda, que engraçada. Esta parte distingue-se das outras por apresentar menor concentração no número de poetas, “abrindo o leque como forma de expressar o caráter mais de aposta que de legitimação

definitiva que caracteriza todo ato crítico voltado para a análise da produção contemporânea” (p. 21).

Analisando a coletânea não encontramos nenhum outro autor que tenha sido mencionado tantas vezes e acompanhado a evolução da poesia ao longo do século XX como o nosso enigmático Drummond, que alcançou esse feito singular, pois longa e produtiva foi a sua carreira, contribuindo significativamente para o cenário literário brasileiro, escrevendo desde 1918, quando em Itabira no jornalzinho Maio, seu irmão Altivo publica o seu poema “Onda”, escrito em prosa, ou mesmo em

1928, quando publica “No meio do caminho” na Revista de Antropofagia, de São Paulo, ou ainda quando, com recursos próprios, lança seu livro de estreia “*Alguma poesia*” com quinhentos exemplares sob o selo imaginário de Edições Pindorama e, continua escrevendo, publicando sempre, até 1987, pertinho da sua morte, deixando três obras inéditas: “*O avesso das coisas*”; “*Moça deitada na grama*” e “*O amor natural*”. Sem falar, na obra póstuma, “*Farewell*”, na qual o escritor faz uma despedida ao seu modo, com uma coletânea de 49 poemas, organizados por ele mesmo numa pasta. Esta obra foi publicada em 1996, nove anos depois da sua morte, ganhando no ano seguinte, o Prêmio Jabuti - a mais tradicional premiação literária do Brasil.

O grande artista da palavra nos apresenta, com os seus poemas, o fazer poético como um trabalho de escultor que a cada palavra selecionada vai compondo a sua obra de arte, ao inserir cada escolha aos versos do seu poema, faz o acabamento próprio da sua criação, forma peculiar do poeta com as palavras:

A tarefa primordial do poeta é, pois, entrar sem ruído no “reino das palavras”; é o *respeito* da linguagem que exclui qualquer precipitação no ato de escrever. As palavras não são necessariamente hostis; ao contrário do que se passa em ‘O lutador’, elas não se esquivam sistematicamente ao poeta - aguardam-no, pois, a linguagem “em estado de dicionário” encerra os poemas ‘que esperam ser escritos’. O que o poema diz, e mesmo o que diz calando, obedece a uma lei superior à simples vontade do escritor: a lei da linguagem. (MERQUIOR, 2012, p. 118)

Esse jeito manso, pensado e medido no trato com as palavras para a construção dos versos de forma excepcional abordando temáticas diversas, como as vicissitudes do eu, cenas familiares, dramas cotidianos, poesias sobre poesias, poemas filosóficos, lirismo sociológico. Temas e formas que instauram, gradativamente, a criação de seu estilo próprio, marcado pela autonomia intelectual, com inovações que trazem contribuições importantes para o modernismo e, conseqüentemente para a literatura brasileira, como destaca Merquior:

Drummond traz ao modernismo três conquistas decisivas para o desenvolvimento da literatura brasileira: um realismo social excepcionalmente penetrante, muito acima do lirismo declamatório da poesia engajada; uma poesia *metapoética*, nutrida de uma espécie de reflexão introspectiva da escrita; um lirismo, enfim, de interrogação existencial, preludiando o desenvolvimento do poema filosófico que

caracterizará os livros posteriores como o *Claro Enigma*. (MERQUIOR, 2012, p. 171)

Para Ítalo Moriconi (2002, p. 90), *Claro Enigma* não é apenas o melhor livro de poesias do século XX, como também a obra mais exemplar do significado profundo do deslocamento estético e intelectual representado pelo modernismo canônico, por ser palco de todas as conciliações e reconciliações aí dramatizadas. Para Drummond, escrever é uma atividade que demanda tempo, pois cada palavra precisa ser pensada, bem selecionada para criar o efeito desejado pelo poeta na feitura do poema, atentando para a linguagem, ganhando ares de uma literatura universal, que ganha vida e sentido a cada nova leitura, como postula Barthes:

Como criatura de linguagem, o escritor está sempre envolvido na guerra das facções (dos falares), mas nunca é mais do que um brinquedo, porque a linguagem que o constitui (a escritura) está sempre fora de lugar (atópica); pelo simples efeito da polissemia (estádio rudimentar da escritura), o engajamento guerreiro de uma fala literária é duvidoso desde a origem. (BARTHES, 2015, p.43).

E nesse processo de criação de forma cuidadosa, num trabalho metalinguístico, na perspectiva da linguagem que se volta para a própria linguagem, que inspira e convida o outro a também ser desafiado pelas palavras para a construção de sentido e, porque não dizer, criar seus próprios versos, como na composição “Procura de Poesia”.

Penetra surdamente no reino das palavras

Lá estão os poemas que esperam ser escritos. Estão paralisados, mas não há desespero,

há calma e frescura na superfície intata.

Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário. Convive com teus poemas, antes de escrevê-los. Tem

paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.

Espera que cada um se realize e consuma com seu poder de palavra
e seu poder de silêncio. (ANDRADE, 2004, p. 186)

Assim, o autor aceitava o desafio nessa poética construção de sentidos na feitura de seus versos, de forma árdua, demonstrando o poder das palavras e a riqueza desta combinação no universo da linguagem. Essa experiência de criação literária permite a indicação de chaves, que o leitor atento vai desvendando à medida que o autor vai propondo pistas do enigma. Cada chave leva a uma porta que vai alargando o caminho e ampliando os horizontes nesta viagem pelo mundo imaginário e proposto pelo autor, que mais adiante no mesmo poema o autor revela:

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave? (ANDRADE, 2004, p. 187).

Pensando sobre esta chave de leitura que o Drummond faz referência nesse fragmento do poema "Procura de poesia", nos remete ao caráter enigmático que é uma marca de sua obra, que vai criando labirintos ao longo dos versos para que o leitor atente aos detalhes para desvendar o enigma poético, como postula Sant'anna (2008, p. 265), ao afirmar que o enigma porta em si a essência e a aparência. É um estar não-estando, pois se afirma através do que nega. No entanto, sobretudo, o enigma é uma projeção do homem, animal simbólico, que transfere para o enigma todas as suas contradições.

Assim quando se lê "Eu tropeço no possível, e não desisto de fazer a descoberta do que tem dentro da casca do impossível", já não se sabe quem está falando, se o menino que vasculhava ninhos, panelas, folhas de bananeiras, ou o poeta maduro com o seu voto permanente de inquirição do mundo. Seja como for, o tempo ficaria em aberto, ainda que ocorresse alguma identificação da matéria buscada: "A coisa que me espera não poderei mostrar a ninguém. Há de ser invisível para todo mundo, menos para mim, que de tanto procurar fiquei com merecimento de achar e direito de esconder". Intrinsecamente devida a quem a procura, a coisa encontrada continuaria para sempre oculta, como é o modo de ser dos enigmas. Pergunto se não seria esta uma operação básica da poesia de Drummond: intensificar o limite das experiências pessoais e das formas sensíveis para elevar a órbita de uma significação maior, que jamais se revela. Muitos poemas são, de fato, um jogo entre a ironia de uma limitação e a suspeita de algo essencial, um perde-ganha sistemático. (VILLAÇA, 2012, p.116, 118)

O jogo da essência e da aparência na poesia Drummondiana cria um clima de mistério capaz de desafiar o leitor a decifrar o que está posto nas entrelinhas, no não dito, mas que o leitor atento viaja além da aparência na busca da essência, caminhando pelo encantado labirinto poético do enigma que vai se mostrando na pluralidade de possibilidades:

Mas um enigma não chega nunca a ser decifrado, sob o risco de deixar de ser enigma. O autor, então, inscreve seu enigma revelando sua visão epifânica aos demais através de uma estrutura enigmática. Converte-se a obra numa possibilidade que possibilita o impossível. É o gesto que o autor faz encaminhando-se ao encontro de sua visão. É ao mesmo tempo a visão e a parábola da visão (SANT'ANNA, 2008, p. 274).

Na tentativa da interpretação e o desvelar do enigma, o leitor leva para a leitura todas as suas experiências e conhecimentos prévios, criando um mundo de possibilidades, aperfeiçoando o olhar na descoberta de chaves que o conduzirá neste sinuoso caminho. Percurso que visa

despertar a curiosidade e a criatividade na busca de aproximar o leitor da visão imagética do autor, interagindo neste jogo de mostra, esconde na perspectiva de esclarecer o que parece obscuro:

Mas no meio do caminho, súbito, o que era escuro e sombrio se transforma num “claro enigma”. Vai se esclarecendo o mistério mais ainda na medida em que ele se desgarrar cada vez mais da superfície, da aparência, do aspecto físico do mundo e empenha-se no conhecimento da essência, em sondar o *noumenos* além do *fenomenos*, indo da *physys* à *meta ta physika*... Pode, então, afirmar que o mundo tal qual se apresenta em sua aparência o aborrece (“*Les événements m'ennuient*”).

Já sabe que o verso é “apenas um arabesco/ em torno do elemento inatingível” (“Fragilidade”) e, pensando a enormidade da tarefa de desvendar o véu do enigma, anota: “Esses monstros atuais, não os cativa Orfeu/ a vagar, taciturno, entre o talvez e o se”. (SANT’ANNA, 2008, p. 267).

De fato, Drummond deixou um legado único para a escrita, criando inúmeras histórias e versos imortalizados. Conhecer a sua obra ajuda não só a revelar faces menos conhecidas do escritor, mas também reforçar a versatilidade de um gênio genuinamente brasileiro. Mesmo depois de sua morte, a obra do poeta é disseminada vastamente com publicações, encenações, espetáculos, saraus, gravações, fóruns, feiras literárias, entre outros eventos que são difundidos pelo Brasil afora para homenagear o mestre das palavras.

Metodologia

Como procedimentos metodológicos para a realização deste trabalho nos fundamentamos na pesquisa-ação defendida por Thiollent (2011), por ser uma estratégia de conhecimento que nos possibilitará a participação efetiva dos alunos no processo ensino-aprendizagem, para que de forma participativa e colaborativa os estudantes possam ampliar o olhar e traçar caminhos para a descoberta de algumas chaves de leitura, buscando interagir com o autor e sua obra, percebendo a forma singular de escrita, a partir da leitura de suas poesias, tendo em vista que,

a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2011, p. 20).

Ao pensar na poesia de Drummond nos veio à mente um dos poemas mais conhecidos, no qual ele cria os versos: “No meio do caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra no meio do caminho.” (2004, p. 196). Percebemos neste poema uma situação banal, corriqueira, mas que nos leva a pensar na diferença que a retirada desta pedra do meio do caminho pode fazer na vida do leitor a cada poema lido, a cada leitura construída, a cada interação realizada. Essa foi a inspiração primeira para começarmos a abordar a obra Drummondiana e a poesia em sala de aula.

Nessa perspectiva, procuraremos apresentar o poeta Carlos Drummond de Andrade e a proposta de conhecermos os poemas do autor, propondo a leitura de “No meio do caminho”, de 1928, sua poesia inaugural, bem como algumas curiosidades a respeito do escritor e da polêmica criada em torno desta composição, bem como dos outros 3 poemas

propostos, no sentido de propiciar momentos de deleite, mas também momentos de aprendizados a partir de cada poema proposto, desenvolvendo uma motivação para abordar a poesia contida nos versos do autor, fazendo uma relação com as experiências vivenciadas pelos alunos, aproximando-os do fazer poético através dos poemas, além de despertar o gosto e o prazer da descoberta da leitura.

A cada poema apresentado, pretendemos também destacar uma curiosidade do poeta ou da obra estudada para que aos poucos eles possam conhecer o Drummond para compreender melhor

a personalidade, vida e história do autor, tendo em vista que quando conhecemos mais sobre quem estamos lendo, apreciamos de forma mais particular o seu texto. Nesse sentido, propomos algumas curiosidades sobre o autor e sua trajetória não só profissional, mas pessoal, como descritos de forma reduzida no quadro 1, proposto abaixo:

POEMAS TRABALHADOS

CURIOSIDADES

No meio do caminho

Polêmica que essa composição causou: “o poema é irritante, mas iluminador, um símbolo.” (Mário de Andrade)

A palavra mágica

Paixão do autor pela escrita.

Expulsão do Colégio por “insubordinação mental”.

Cidadezinha qualquer

Cidadezinha natal - Itabira (MG) X Cidade grande - Rio de Janeiro(RJ) - busca dos sonhos

Quadrilha

Componente da informal academia de Letras - Sabadoyle

Quadro 1: Curiosidades propostas a partir do poema explorado

Essa proposta tem o intuito de apontar caminhos para que a interpretação alcance lugares que possam ir além das palavras, a partir da contextualização e discussão de sua obra, na tentativa de entender melhor o que o autor deseja expressar, aprimorando assim, as experiências de análise e de leitura, questionando e relacionando com o universo do leitor, propondo o registro das discussões, explorando e desenvolvendo outros gêneros textuais, como propomos no quadro 2, apresentado abaixo:

POEMA PROPOSTO

REFLEXÕES SUSCITADAS/ INTERAÇÃO COM O AUTOR

GÊNERO EXPLORADO

No meio do caminho

Que obstáculo marcante tive que transpor para chegar até aqui?

Frases

A palavra mágica

Será que a senha da vida é ler e dar sentido às palavras que estão adormecidas nos livros?

Pequeno texto coletivo

Cidadezinha qualquer

Que sonhos vislumbro, observando o mundo da minha janela?

Poema produzido de forma colaborativa

Quadrilha

Conhece alguém que tenha vivido uma relação amorosa não correspondida?

Completar versos do autor

Quadro 2: Reflexões e gêneros textuais explorados a partir dos poemas propostos.

Assim, na tentativa de propiciar a reflexão de cada poema apresentado, buscaremos desenvolver questionamentos que favoreçam a percepção e o adentrar no labirinto de palavras criado pelo autor, por meio do contato com a obra e, o pensar a partir das indagações propostas, bem como outras que possam surgir diante das respostas realizadas pelos alunos, numa busca de não só propiciar a compreensão, mas a construção de interpretações possíveis escondidas nesse claro mas obscuro enigma.

O enigma se escondia atrás da interrogação, remoía a sua semântica, sacudia o seu significado. O enigma se iniciava depois da pergunta, começava onde ela terminava. Após a sua existência. Depois que uma pergunta é feita (qualquer uma), esperamos ansiosos pela resposta (qualquer uma). Às vezes, a resposta justifica a pergunta, às vezes nos leva para outra questão. E o meu amigo me fazia pensar - não na pergunta em si, mas na necessidade dela. (LAGE, 2013, p. 37)

Necessidade de indagar, instigar e desenvolver planos na busca de encontrar veredas para descobrir a química certa entre o leitor e o autor apresentado, neste caminho de possibilidades de leitura, será um caminho desafiante, mas também um caminho de conquistas e de descobertas, além da mera decodificação das palavras, mas capaz de descortinar um olhar possível, nesta profícua relação leitor/autor.

Resultado e discussões

Nosso intuito, neste trabalho, foi traçar caminhos para que pudéssemos remover pedras do percurso da caminhada do estudante, para que através da poesia do grande representante da Literatura Brasileira, Carlos Drummond de Andrade, pudéssemos despertar o encantamento, a reflexão e o senso crítico através do gênero poema para a descoberta de chaves de leitura que conduzirá o leitor para a construção de significados, a apropriação da linguagem poética e o aguçar da sua sensibilidade através do texto literário, transformando o que estava sem entendimento, enigmático, numa leitura possível, a partir do desenvolvimento de olhares atentos para o que está além do escrito.

Acreditamos ter despertado o gosto e o prazer da descoberta da leitura a partir da escrita do poeta Carlos Drummond de Andrade - que os alunos o chamavam carinhosamente de “*velhinho sabido*”, pois conhecermos a sua obra atentando para a sua contribuição no cenário literário nacional, aguçou a admiração pelo fazer poético do autor, ao estabelecermos uma relação com as experiências vivenciadas pelos alunos, aproximou-os da poesia e promoveu o desenvolvimento de uma postura mais crítica e reflexiva frente a novos pensamentos, ideias, sentimentos e ações.

Desenvolver este projeto permitiu a descoberta e apreciação literária, bem como o interesse e a vontade de ampliar os conhecimentos cada vez mais, a partir da busca constante da palavra através da obra de Drummond, conhecendo não só o seu fazer literário, mas conhecendo-o a partir das curiosidades e fatos que marcaram sua vida e obra, percebendo que sua poesia permanece viva, pois enquanto houver um leitor que abra o seu livro e leia os seus escritos, sua obra viverá.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova Reunião*: 23 livros de poesia. v.1. 6.ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2013.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia Poética*. 53. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad.: J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2020.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1989.

LAGE, Claudia. *Labirinto da palavra*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

MERQUIOR, José Guilherme. *Verso universo em Drummond*. 3. ed. São Paulo: Realizações Editora, 2012.

MORICONI, Ítalo(Org.). *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MORICONI, Ítalo. *Como e por que ler a poesia brasileira do século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

PINHEIRO, Helder. *Poesia na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2018. RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa* (Tomo I). São Paulo: Papirus, 1994.

SABINO, Fernando; NEVES, David. O fazendeiro do ar. Bem-te-vi Filmes.(1972). Disponível em: [\(674\) O Fazendeiro do Ar - YouTube](#). Acesso em: 10/04/2023.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Carlos Drummond de Andrade: análise da obra*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1980.

SORRENTI, Neusa. *A poesia vai à escola: reflexões, comentários e dicas de atividades*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-ação*. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VILLAÇA, Alcides. Poesia de Drummond: na trilha dos enigmas. In: MOURA, Murilo Marcondes de (Org.). *Cadernos de leituras Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 107-121.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia, Letramento literário, Ensino

